



Allan Kardec: Iniciação no Espiritismo

Explicando como se iniciara no Espiritismo, declara Allan Kardec que, em 1854, ouvira falar em mesas girantes. Fortier, magnetizador, disse-lhe que acabara de descobrir no magnetismo uma singular propriedade, a de fazer girar as mesas e marchar à nossa vontade. Mais tarde, revela ainda: As mesas falam; perguntasse e elas respondem.

“Só o acreditaria – revida Kardec – se provarem que elas têm cérebro e nervos e que se podem sonambulizar. Até então permita que considere isto uma fabulosa história.”

Como se vê, muito ao contrário da credulidade que se lhe atribui, mostra franco cepticismo quando lhe fazem conhecer os primeiros fenômenos espíritas aparecidos na França.

Pouco depois, o seu amigo Carlotti lhe refere a comunicação dos Espíritos; e as dúvidas do mestre, em vez de se desvanecerem, aumentam.

Por fim, vai à casa da Sra. Plainemaison e vê as mesas falarem. Espírito franco, incapaz de emperrar nas idéias fixas, pronto a aceitar a verdade de onde quer que viesse, não pôde ter mais vacilações. Ficar estabilizado nos preconceitos, fazer ponto em certas paradas, sem nada que o demova, como quem espera um veículo que não chega, é próprio do sectarista, nunca de uma inteligência de escol, inteiramente livre, de um ser absolutamente sincero, como era Allan Kardec. E ele rende-se à evidência.

Com as meninas da família Baudin viu a escrita por intermédio da cesta, fenômeno que descreve em *O Livro dos Médiuns*. Eram dadas respostas exatas às perguntas que se faziam, muitas das quais sem os circunstantes as proferirem, apenas por haverem pensado nelas. Era, portanto, impossível qualquer participação dos médiuns.

Os primeiros estudos de Kardec partem dessas experiências. Passou, então, a aplicar-lhes o método experimental e os demais processos de que usava no seu campo científico.

Percebeu ele que o comunicante era o espírito de um morto. Notou, desde logo, que, ao contrário do que se acreditava, esse morto não possuía o soberano conhecimento, antes continuava a ser, mentalmente, o que fora em vida: os mesmos pensamentos, os mesmos ideais, se os tivera, as mesmas manias...

Um ponto capital estava patente: a existência de um mundo invisível e sua comunicação conosco. Kardec compreendeu a revelação extraordinária que estava à sua vista,

rodeada de provas iniludíveis: a imortalidade e a comunicabilidade dos Espíritos. Pouco depois, certificava-se de outra descoberta de não menos valor, formidável nas suas conseqüências: O Espírito, no Espaço, sofria em razão de suas faltas, e as dores deste mundo eram o resultado das culpas do passado, de vidas pretéritas. Havia sanções penais; era a lei de causa e efeito; era a demonstração verificável da justiça divina. Que horizontes se iriam abrir à Filosofia!

* * *

Como é de ver, pelo menos aos que conhecem o estado mental dos indivíduos; aos que percebem a que desatinos podem levar as paixões e o fanatismo, contra Allan Kardec e sua doutrina levantou-se furiosa tempestade. E por isso lhe dizia um amigo do Espaço, prevenindo-o, como já o fizeram outros:

“O Espiritismo tem sido até aqui objeto de diatribes... Julgais que tudo isso passou, que os ódios estejam acalmados, que se achem reduzidos à impotência? Perdei a ilusão. O cadinho depurador ainda não expidiu todas as impurezas. O futuro vos guarda outras provas e as últimas crises não serão as mais fáceis de suportar.”

Bem razão assistia ao Espírito do Dr. Demeure. Não só Kardec, mas os seus adeptos têm visto crescer a fúria demolidora dos adversários. A diatribe, a injúria, a calúnia não têm sido poupadas. As estradas para o bem sempre foram marginadas de cardos.

Dos informes prestados pelos espíritos formou Allan Kardec *O Livro dos Espíritos*. É o livro básico da doutrina; ali se contêm os ensinamentos que viriam esclarecer os grandes problemas filosóficos e importantes problemas psicológicos, alguns insuspeitados, e outros para os quais faltava o supedâneo da prova.

Não se trata de uma lucubração, de opiniões pessoais, das idéias surgidas da cabeça de um filósofo; não resulta, mesmo, da manifestação de um Espírito, senão da manifestação concordante de muitos Espíritos, através de diversos médiuns e em lugares diferentes. É isto que cumpre evidenciar.

Kardec não se limitava a receber passivamente a resposta dos Invisíveis e a anotá-las mecanicamente. Ele indagava, pesquisava, comparava, discutia. Quando algo lhe era incompreensível ou parecia absurdo, ele replicava, e só tinha como definitivo o que estivesse inteiramente claro e que ficasse iniludivelmente escoimado de dúvidas.



Impossível admitir que uma doutrina admiravelmente concordante, rigorosamente lógica, altamente esclarecedora, uniforme, apesar de provir de diferentes fontes, pudesse vir a ser uma farsa, ou fosse tomada como uma burla.

* * *

A revelação que foi feita a Kardec, de que lhe cabia uma grande missão, deu-se em casa do Sr. Roustan, sendo médium a senhorita Japhet.

Nessa ocasião lhe dizia o Guia: Não haverá diversas religiões nem há mister senão de uma, que é a verdadeira, grande, bela e digna do Criador... Os seus primeiros fundamentos já foram lançados...”

Tendo causado apreensão e surpresa haver falado o Guia na irrupção de graves acontecimentos, esclareceu ele:

“Haverá muitas ruínas e desolações; são chegados os tempos para a renovação da humanidade.”

À pergunta sobre se seria um cataclismo, respondeu:

“Não. Os flagelos assolarão as nações, a guerra dizimará os povos, as instituições se afundarão num mar de sangue. O mundo velho ruirá para dar lugar a um mundo novo, a nova era de progresso.”

E à outra indagação, acrescentou:

“A guerra não se limitará a um país; envolverá toda a Terra; tudo está suspenso por fio de teia de aranha. A primeira faísca virá da Itália.”

A predição foi feita em 7 de maio de 1856. A Itália, com a tomada da Abissínia, foi a precursora do pavoroso prélio deflagrado em 1939. A Europa inflamou-se. A Alemanha invade as nações vizinhas. Em pouco estão envolvidos todos os continentes. Luta-se em terra, nos ares e nos mares. Até por baixo do solo e por baixo dos oceanos morre-se e mata-se. Lançam-se os homens e as nações uns contra outros como o não fariam os mais ferozes animais. Usaram-se os mais mortíferos engenhos de guerra. Ondas de fogo levantavam-se por toda parte. As mais belas cidades ficaram reduzidas a um montão de ruínas. A civilização parecia afundar num pélago de chamas. As cinzas dir-se-iam encobrir todas as regiões habitadas. O ódio tomou proporções imprevistas.

Crepitou o pavoroso incêndio por cinco anos; foi a maior chacina de todos os tempos. Houve a destruição de edifícios imponentes, de templos históricos, de pontes e viadutos afamados, de campos florescentes, de urbes populosas, de usinas e fábricas, de bibliotecas e museus, do comércio, da indústria, de todo um longo passado de atividade e de trabalho.

Destruição urbana, destruição florestal, destruição econômica, destruição humana, horrores e misérias, campos de concentração, imolações em massa, luto e lágrimas, tal foi o resultado do orgulho, da ambição e da estupidez de meia dúzia de prepotentes, da insânia de chefes de Estado, de improvisados mandões, pelos quais se deixa fascinar e arrastar o triste *pecus*, o sacrificado rebanho humano.

Dizia Rui Barbosa, na *Oração aos Moços*:

“Não há justiça onde não haja Deus. Quereréis que vo-lo demonstrasse: Mas seria perder tempo, se já não encontrastes a demonstração no espetáculo atual da Terra, na catástrofe da humanidade. O gênero humano afundou-se na matéria e no oceano violento da matéria flutuam, hoje, os destroços da civilização, meio destruída. Esse fatal excídio está clamando por Deus.”

O fatal excídio foi o de 1914. Que diria o eminente jurista diante da terrível luta de 39?

A profecia, provavelmente, ainda não findou; novas ameaças pairam no céu planetário. Os engenhos de guerra atuais deixam a perder de vista os das guerras anteriores. Fala-se na destruição do mundo. De fato, um mundo povoado de energúmenos, perversos e idiotas, melhor seria se estourasse definitivamente. Seria um suicídio global. Não são estas, porém, as vistas do Senhor, nem é o que devemos esperar. Necessariamente, não terminou, ainda, o ciclo de nossas provas. Não chegaremos, entretanto, a uma total calamidade. Há de raiar um dia a felicidade. Viveremos sob o império do Bem. Hão de cumprir-se as promessas dos Espíritos superiores sob a inspiração do Divino Mestre.

* * *

Os Espíritos, e principalmente o que se designava com o nome de *Verdade*, reiterava os conselhos e avisos que se podem dirigir a tantos quantos militam nesta Seara, visando ao bem do semelhante:

Espiritismo ***“A Evolução do Pensamento Filosófico, Ético e Religioso da Humanidade”***



“A missão dos reformadores é cheia de tropeços e perigos. A tua é rude, previno-te, porque tens de revolver e reformar o mundo inteiro... Levantarás contra ti ódios terríveis; inimigos encarniçados conjurarão a tua perda; serás alvo da maledicência, da calúnia, da traição, ainda mesmo dos que te parecem mais dedicados; as tuas melhores instruções serão desprezadas e adulteradas; mais de uma vez vergarás ao peso da fadiga; em uma palavra, haverá uma luta quase constante, com o sacrifício do teu repouso, da tua tranqüilidade, da tua saúde e até da tua vida.

Nem um passo para trás deves dar, quando em vez de um caminho juncado de flores encontrares urzes, agudas pedras e venenosas serpes.

Para lutar contra os homens é preciso coragem, perseverança e inabalável firmeza; é preciso prudência e finalmente abnegação para todo o sacrifício.”

Confirmando as profecias do Espírito, Kardec vinha fazer estremecer velhas instituições, carunchosos estabelecimentos; vinha trazer luz sobre erros seculares; vinha, sobretudo, apontar a estrada que devia conduzir o gênero humano a melhores destinos.

E então se desencadeou, não só sobre a doutrina por ele codificada, como sobre ele, como sobre seus prosélitos, a campanha do descrédito. A serpe de que falara o Espírito *Verdade* não se limitou a morder os princípios doutrinários, senão que procurou denegrir o Doutrinador, o Missionário, certa de que, turvando a fonte podia turvar toda a corrente.

Ainda agora, e talvez mais do que nunca, vemos lançada sobre o mestre a peçonha que lhe devia macular o nome e a obra; ele era o ignorante, o embusteiro, o velhaco, o desonesto; deram-no até por cabotino, e depois por caloteiro, despejado por falta de pagamento. Outras vezes já não era o miserável, que não podia pagar a casa, mas o nababo, enriquecido à custa do Espiritismo e dos espíritas, estes uns pacóvios, fáceis de embrulhar, e que tanto acreditavam em aparições das almas do Outro Mundo, como nas patranhas das almas deste.

Passou por fantasista, por místico, por amante do sobrenatural, por quimérico, por inclinado ao misterioso. Não admira que tais inverdades vivam na boca e na pena de ignorantes e aleivosos, desde que livros e enciclopédias que têm por fim ilustrar os povos cometeram as mesmas cincas.

Contava-nos Henri Regnault que, por curiosidade, lembrou-se de consultar *La Grande Encyclopédie* e muitas edições do *Dictionnaire Larousse*. A primeira diz que Kardec,

depois de ter recebido uma boa instrução filosófica e científica, entregou-se de *bonne heure* ao estudo do Espiritismo, tendo acordado aí o seu gosto pelo maravilhoso.

Ensino menos verdadeiro quanto a esta parte, diz Regnault, visto que Rivail começou a preocupar-se com Espiritismo quando tinha mais de 50 anos e com um escrúpulo e prudência que lhe fazem honra.

E quem lhe conhece a biografia sabe que foi com muita relutância que ele se dispôs a tais estudos, sendo antes deles inteiramente céptico a tal respeito.

O Larousse, na edição de 1875, dizia:

“Foi sobre cenas grotescas que se apoiou Allan Kardec... Soube dar uma forma clara, precisa a uma doutrina completa; nada aí falta, salvo que, para admiti-la, é preciso ter fé, pois o autor considera, como provados, os fenômenos que precisamente estão em questão. Não é uma doutrina de pesquisa, de reflexão, de meditação, em que se procurem explicar coisas difíceis de compreender; é um mistério construído com todas as peças, pela inspiração, sem nenhum conhecimento das leis físicas, da constituição positiva das coisas nem do encadeamento real dos fenômenos.”

E acrescentava que o Espiritismo estava em seu declínio. Isto foi em 1875.

Mas, não só a profecia falhou, como, em as novas edições, a hostilidade se foi atenuando. Provavelmente, as experiências em que tomaram parte os maiores vultos da ciência européia e americana deixaram um tanto abalados os créditos do *Universel*. Assim, em 1900, já não se fala em Kardec, e posteriormente, informa ao leitor sobre quem foi ele, isto sem mais comentários. Numa edição que temos à vista apenas se diz o seguinte:

“Kardec (Hippolyte Léon-Denizard Rivail), mais conhecido sob o pseudônimo de Allan. Escritor espírita francês, nascido em Lyon, falecido em Paris (1803-1869). Autor de *O Livro dos Espíritos...*” (Seguem-se os livros). E mais nada.

Como se vê, a refrega foi árdua e os Espíritos a previram. Não faltaram os epítetos; não houve injúria ou calúnia que lhe não vomitassem, desabrida ou veladamente, e quanto mais perto de Deus se julgava o invetivador, mais virulento se tornava. Cientistas e letrados, ou faziam a campanha da indiferença, ou a da *blague* ou a da falsidade. São os acúleos da jornada.

* * *

Quando Kardec editou a *Revue Spirite*, que apareceu a 1º de janeiro de 1858, não tinha capital, nem sócios, nem assinantes, nem auxiliares.



Estava só. A vitória dessa revista, existente até hoje, é uma verdadeira manifestação da energia, do valor, da força de vontade de Allan Kardec. Era realmente o escolhido do Alto para a espinhosa tarefa.

“Foi graças a ela, diz Regnault, que ele enfrentou as tempestades que se acumulavam, respondendo, apenas, quando estava em jogo a doutrina, desdenhando as injúrias pessoais, fazendo, tanto quanto lhe era possível, o bem a seus inimigos.”

E acrescenta: “Coisa notável: Allan Kardec conformou a sua existência de acordo com o ensino dos Espíritos. Caritativo, vivia para os outros e não para si; ignorava o rancor; foi por seus atos um verdadeiro apóstolo, e deve ser, de fato, um mestre honrado e venerado, devendo todos esforçar-se por seguir-lhe os exemplos.”

A ele se deve, ainda, a fundação da *Sociedade Espírita de Paris*, 3 onde empregou o melhor de seus esforços para congregar os irmãos em crença, os discípulos na doutrina, e torná-los fortes em torno de uma idéia.

Pobre e acanhada a princípio, a Sociedade se foi desenvolvendo até que se tornou um grêmio amplo, que veio prestando à humanidade os benefícios de que somos testemunhas.

(IMBASSAHY, 1988, p.48)

Texto Extraído da Fonte:

IMBASSAHY, Carlos. **A Missão de Allan Kardec**. Departamento de Difusão Doutrinária. Federação Espírita do Paraná. Curitiba, 1988.